

ELENA MANNES

Fiel *para* Sempre

*Uma história de amor incondicional
e de ligação espiritual entre
humanos e animais*

Para o Brio



«O teu coração era aquilo de que
eu mais gostava neste mundo,
e tu era o coração que gostava
mais de mim.»

HAFEZ

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	9
<i>Prólogo: Um vínculo intacto</i>	13
1 O teu nome é <i>Brio!</i>	19
2 Porque é que o meu cãozinho não gosta de mim?	31
3 Chamadas de atenção	45
4 Quando outra porta se abre	57
5 Uma dança que se torna uma canção	73
6 Múltiplas fontes	87
7 O fio invisível.....	101
8 No outro extremo	111
9 Algo por detrás dos olhos.....	125
10 Dias do colibri	143
11 Vindo do nada	153
12 Reencarnar ou não reencarnar	169
13 Aprender a escutar	183
14 Na imaginação	195
<i>Epílogo: Mensagens maravilhosas e secretas</i>	205
<i>Agradecimentos</i>	209
<i>Bibliografia</i>	211
<i>Créditos das entrevistas</i>	219

Prefácio

ELENA MANNES NARRA-NOS UMA PRODIGIOSA VIAGEM de descoberta e realização neste relato profundamente tocante da sua relação com o seu brilhante, elegante, inteligente e afetuoso caniche *Brio*, o seu «cão gémeo»! Apaixona-se por ele e fica profundamente enredada durante tantos anos quanto possível no tempo de vida demasiado curto dos nossos amigos caninos. Ele tornou-se não só o seu melhor amigo e a sua alma gémea mas até uma espécie de mentor espiritual, à maneira de Yoda, fazendo que uma jornalista e documentarista com os pés no chão, prática e implacável, mergulhasse profundamente em si mesma, ao mesmo tempo que alargava as suas investigações acerca das esferas longínquas da «mente» ou da ciência «espiritual». Essa área subtilíssima da exploração científica humana, na Índia, chama-se «ciência interior» e foi altamente desenvolvida nessa região, durante a era clássica. Era considerada a rainha insuperável de todas as ciências, em contraste com as ciências materiais euro-americanas, orientadas sobretudo para o exterior.

Elena Mannes dá vida à extraordinária personagem de *Brio*, a sua alma gêmea em corpo de cão nas suas muitas manifestações graciosas, e leva-nos consigo numa viagem interior de descoberta da sua humanidade mais profunda, ao aperceber-se da interligação crucialmente enriquecedora com a inteligência fulgurante daquele cão em especial e, através dele, com o mundo multifacetado de todos os animais conscientes. Alguns dos fenómenos que experiencia não são menos do que milagrosos, e, no entanto, o seu envolvimento profundo e a sua descrição intensa têm um poderoso toque de autenticidade que é absolutamente convincente.

Apesar do seu próprio ponto de partida, tendo-se formado no âmbito do materialismo científico que é a ortodoxia da cultura norte-americana do século xx, Elena Mannes segue o seu coração intuitivo sob a orientação mística de *Brio*, ao mesmo tempo que usa a sua metodologia jornalística, implacavelmente crítica e investigadora, para explorar a esfera da comunicação animal e a história da relação entre os seres humanos e os cães, existente há já cem mil anos. Consulta, com extremo cuidado, todos os tipos de especialistas convencionais e menos ortodoxos e narra, ao mesmo tempo, numa intrincada trama de histórias, o surpreendente mundo das interações entre seres humanos e caninos, no mundo contemporâneo da era da informação, saturado de tecnologia de ponta, mas extremamente fragmentado.

Depois de perder a presença física de *Brio*, devido à disparidade entre a esperança de vida dos seres humanos e a dos caninos, conta-nos, de forma comovente, a sua desolação face à sua partida e o seu luto profundo. Depois, dá início a um estudo da esfera da vida após a morte, revelando quão intensamente as pessoas continuam preocupadas com esta realidade, apesar das garantias abalizadas que nos dão os materialistas científicos de que só o Grande Nada espera tanto os seres humanos como os animais. Ultrapassando a intimidação juvenil causada por esta cultura materialista dominante, explora as pesquisas mais

avançadas acerca da descoberta biológica da ressonância mórfica da comunicação senciente não verbal, entrando no «paranormal» de capacidades mentais especiais, como a telepatia e a clarividência, e na enorme quantidade de dados circunstanciados acerca de memórias nítidas de vidas anteriores, em pessoas de uma grande variedade de culturas.

Por fim, adquire uma noção da presença perene do seu cão gémeo, para lá das barreiras aparentemente inelutáveis do espaço e do tempo, e deixa-nos com um exemplo inspirador de uma mulher heroica, com a mente aberta à alegria da interconexão com todos os seres vivos, com o coração animado pela noção de unidade com a bondade fundamental da vida, tal como a concebia *Brio*, o seu cão gémeo, agora angelical, e com os pés firmemente assentes nesse mundo de possibilidades prodigiosas.

A certo momento, Elena Mannes entrevista-me acerca de *A Grande Libertação pela Escuta nos Estados Intermediários*¹ (popularmente conhecido com o título errado de *Livro Tibetano dos Mortos*) e, de forma respeitadora e rigorosa, relata algumas das descobertas dos cientistas interiores indianos e tibetanos e dos «psiconautas» que viajaram por essas esferas e que as relataram, há muito tempo, à sua refinada civilização sânscrita e tibetana. Agradou-me o facto de a autora se sentir à vontade com a noção do budismo tibetano de que, entre os animais, os cães, em particular, são emanações (encarnações, tal como os descrevem) de um arcangélico e muito avançado «herói do esclarecimento» (*bodhisattva*), chamado Maitreya, que se espera agracie o planeta sob a forma de Buda, daqui a muitos milhares de anos. Entretanto, apresenta-se aos seres humanos, ansiosos, amedrontados, sobrecarregados e solitários, assumindo a forma de cães leais, dedicados, inteligentes e meigos, que se tornam os pórticos vivos dos seus donos para a bondade fundamental do mundo real, para a generosidade da natureza e para a alegria da abertura calorosa a toda a vida.

¹ Editora Círculo de Leitores, 2006. [N. T.]

É, para mim, uma honra e um prazer saudar este excelente trabalho e convidar-vos a todos a desfrutarem dos seus dons mágicos.

Robert A. F. Thurman²

² Reconhecida autoridade mundial em religião e espiritualidade, detém a primeira cátedra de estudos budistas no Ocidente, a Cátedra Jey Tsong Khapa de Estudos Budistas Indo-Tibetanos, na Columbia University. É presidente da Tibet House U.S., uma organização sem fins lucrativos dedicada à preservação e à promoção da cultura tibetana. Autor de muitos trabalhos académicos e de livros populares, incluindo *Infinite Life* e *Inner Revolution*, em 1997 foi considerado pela revista *Time* como um dos 25 norte-americanos mais influentes.

PRÓLOGO

Um vínculo intacto

ISTO É MUITO MAIS DO QUE A HISTÓRIA de um vínculo especial com um cão. Muitas pessoas têm experienciado a profundidade de sentimentos que é possível desenvolver entre nós e os nossos melhores amigos de quatro patas. Aquilo que torna esta história singular é o facto de a minha procura de uma ligação duradoura e profunda me ter conduzido por um caminho que suplantou as fronteiras da razão e da realidade concreta, entrando na esfera do invisível. O meu cão *Brio* inspirou-me — a mim, uma cética nata — a investigar o paranormal. Ao fazê-lo, descobri que existem muitas mais coisas no céu e na terra do que alguma vez sonhara enquanto jornalista de investigação impulsionada pelos factos. Ao abrímo-nos a novas possibilidades, abrímo-nos a um mundo novo.

Cresci alimentada pelo pragmatismo e pela lógica, com base nos ensinamentos dos meus pais. Formada como repórter, construí a minha carreira no jornalismo televisivo e vivi a minha vida sob a égide da razão e dos factos. Via-me a mim mesma como uma racionalista questionadora, e ainda vejo em relação a muitas coisas

— pelo menos no que diz respeito ao funcionamento do mundo quotidiano. Mas passei para lá da minha realidade «confortável», em que tudo tinha o seu lugar e fazia sentido, e aventurei-me a entrar num território diferente.

Este livro tem a ver com o ato de dar esse passo.

Sem dúvida que muitas pessoas que desenvolvem relações particularmente próximas com cães descrevem, de facto, essa ligação como extraordinária. Mas, certamente, é muito menor o número das que embarcam no tipo de demanda que eu empreendi; em geral, não questionam a natureza das origens espirituais dos seus animais de estimação. Eu passei a considerar a possibilidade de uma linguagem sem palavras entre espécies. Para além disso, considerava que uma conversa desse tipo poderia ter lugar através do tempo e do espaço e, até, para lá da fronteira da morte física.

Entreí num mundo de comunicadores, espíritas e médiuns animais. A princípio, dizia a mim própria que era o impulso curioso que levava uma jornalista a investigar que me conduzia por essa via. Na verdade, estava fascinada. Enquanto jornalista, ao começar a ver indícios de uma realidade que nunca antes contemplara, não podia voltar atrás. Tinha de chegar ao fundo de tudo aquilo. Então, depois de os comunicadores e de os intuitivos terem conseguido convencer-me, comecei a direccionar a minha viagem para o interior e a desenvolver a minha própria aptidão espiritual.

Claro que não alcancei esta nova forma de pensar imediatamente. Os meus passos iniciais estavam cheios de dúvidas e de suspeições. Mas, quando os espíritas e comunicadores animais começaram a relatar as suas conversas com animais, com uma exatidão surpreendente, tive de reconhecer que o que quer que fosse que aquelas pessoas andassem a fazer estava a funcionar.

Por muito que eu questionasse como os comunicadores poderiam, hipoteticamente, saber ou ouvir ou, de algum modo, ver aquilo que o meu cão estava a «dizer», não podia negar que tinham acesso a informações que eu não lhes fornecera verbalmente, informações de que não podiam ter tido conhecimento por meios

vulgares. Passei a aceitar que algo de extraordinário estava a acontecer, embora não conseguisse explicar como ou porquê.

Esta é a história de uma demanda incessante, do empenho em avaliar os comunicadores e os espíritas e em recolher as experiências e as opiniões de outros amantes de cães, incluindo profissionais. Os respeitadores treinadores e tratadores entrevistados para o livro incluem: Carol Benjamin, Donald McCaig — treinador de *border collies* e escritor — e Elizabeth Marshall Thomas, também uma treinadora e escritora altamente considerada. A percepção destas pessoas deu-me uma perspectiva inestimável. Alguns tratadores profissionais acreditam que a ideia da comunicação espírita com os cães é um insulto aos métodos de treino tradicionais. Outros estão abertos à possibilidade de uma linguagem extrassensorial; alguns até se tornaram crentes empenhados. Inclusivamente, certos cientistas que entrevistei estão convencidos da existência de uma vida para além da morte canina.

Procurei outras pessoas em quem confiava e que tinham relações particularmente próximas com cães, para lhes perguntar acerca das suas experiências de comunicação entre espécies. Esforcei-me por compreender como funcionam os espíritas; como poderiam, eventualmente, obter informações rigorosas, por telefone, acerca de um cão que nunca tinham visto.

As vozes dos comunicadores e dos espíritas animais com que falei revelaram-se muito importantes. O tom e a frequente beleza das suas palavras foram, muitas vezes, tão convincentes quanto o conteúdo dos seus comunicados. Seria impossível contar esta história e transmitir o impacto emocional do que ouvi sem, tanto quanto possível, aproximar do leitor a voz desses tradutores. Assim sendo, citei-os. Enquanto narrativa de um relacionamento íntimo com um cão, esta história não é invulgar — nem enquanto relato de uma mudança ou, sequer, de uma transformação pessoal por via desse relacionamento. É algo que muitos leitores experienciam. A minha aventura é singular porque se trata de uma exploração no seio da telepatia, da comunicação na vida para além da morte e da metafísica — que nos guia a todos na viagem para

fora do ceticismo, rumo à curiosidade, à necessidade de acreditarmos, à vontade de encontrarmos provas, a uma crise de fé e, finalmente, ao interior de uma nova compreensão do vínculo inquebrável entre os seres humanos e os animais.

Uma coisa é chamarmos a nós mesmos «amantes de animais». Outra, completamente diferente, é vermos um cão como um ser igual a nós, com tanto de professor como de aluno e de animal de estimação. Esta é uma das bênçãos que esta viagem me trouxe: a compreensão e a convicção de que um cão é um ser pensante sensível e, sim, espiritual. Os cães têm, de facto, uma alma e uma vida que se prolongam para lá do horizonte ilimitado da morte. Ao sabê-lo, que difícil se torna falarmos de *donos* e de *animais de estimação*. Que difícil é pensarmos nos cães — ou em qualquer animal — como criaturas apenas com o propósito de nos obedecerem e servirem.

Desde o princípio, não era eu quem controlava esta relação. Esperara um companheiro face ao qual desempenhasse o papel de dona. Depressa aprendi que o *Brio*, o cão que mudaria a minha vida, era o seu próprio senhor. A nossa relação estava longe daquilo a que teria chamado *normal*. Lembro-me do que Pablo Picasso disse acerca do seu *dachshund*, *Lump*: «O *Lump* não é um cão, não é um homenzinho, é outra coisa.»³ Foi isso que aquele cachorro, o *Brio*, se tornou para mim — «outra coisa». Aquele ser, com a indumentária de outra espécie, era — é —, para mim, um grande espírito. A nossa relação excedeu todas as expetativas. Levou-me a um sítio, a uma consciência que eu nunca poderia ter previsto — e que, ainda hoje, muito depois do seu falecimento, me continua a surpreender e a maravilhar. Na verdade, a alma dele foi a primeira que passei a amar.

No decurso da minha viagem com o *Brio*, deixei de ser alguém que temia relacionamentos íntimos, que se debatia com eles, e passei a ser alguém que se ligou profundamente a outra criatura, na vida e na morte. Tornei-me uma pessoa mais afetuosa,

³ Riding, «Picasso's Other Muse of the Dachshund Kind».

dedicada e aberta por causa do vínculo intenso e descomplicado que partilhava com o *Brio*. A nossa viagem em comum transformou-me completamente e sem problemas, através do poder do amor incondicional e de uma ligação espiritual profundamente instrutiva.

Entendo que o vínculo com o *Brio* está intacto mesmo na morte, não figurativa ou metaforicamente, mas com uma convicção inabalável que, outrora, me era incompreensível. Isso dá-me uma enorme sensação de paz e de gratidão face à minha própria vida, ao seu significado e às suas transições. Também existe gratidão pelo facto de a minha necessidade de compreender «exatamente como um cão» me ter levado a explorar aspetos da existência que nunca antes considerara. Será que os cães — será que todos os seres — têm capacidades de entendimento que transcendem os cinco sentidos? Será que esses sentidos «adicionais» proporcionam formas de comunicar dentro das espécies e entre elas, por vias que os preceitos da ciência ocidental e materialista não reconhecem? O filósofo francês do século xvii René Descartes configurou séculos de pensamento científico moderno com a sua doutrina de que o materialismo é a única explicação da realidade.

Segundo esse ponto de vista, não existem verdades metafísicas («para lá do físico»). Não há consciência que exista fora do cérebro físico ou que não seja por ele governada. Alguns cientistas e filósofos questionam agora esse ponto de vista. A física quântica está, indubitavelmente, a desafiar a ideia de que tudo — incluindo as nossas mentes, a nossa consciência — é fundamentalmente físico, material. Também existe uma alteração perceptível no pensamento científico acerca dos outros animais. Descartes insistira que só os seres humanos têm a capacidade de raciocinar e de pensar porque só os seres humanos têm linguagem verbal.

No século xix, Charles Darwin opôs-se a essa convicção. Muitas vezes, é atribuído a Darwin o nascimento do campo da pesquisa sobre a mente animal. Darwin disse: «Não existe qualquer diferença fundamental entre o homem e os mamíferos superiores,

quanto às suas faculdades mentais.»⁴ Hoje, existe muita atividade nova entre cientistas ávidos de investigar a inteligência, a cognição, as emoções e as capacidades de comunicação dos animais não humanos.

Ao considerar esses desenvolvimentos no mundo da ciência, da filosofia e da compreensão dos animais, parece-me que a minha transformação pessoal coincide com uma alteração muito mais ampla na percepção acerca da nossa relação com os outros seres.

Poderia dizer-se que a minha viagem trilhou dois caminhos paralelos: enraizada nas alegrias imediatas da vida com um cão, aqui e agora, nos passeios, nas corridas, nos abanos de cauda, nos sorrisos, e, todavia, simultaneamente, conduzindo-me por um percurso rumo a questões fascinantes acerca de quem são os animais e, também, daquilo que nos dizem quanto a quem somos nós, os animais humanos. É uma viagem que proporciona regozijo.

⁴ Darwin, *Descent of Man*, 35.

1

O teu nome é Brio!

OLHOU-ME DE FRENTE, OLHOS NOS OLHOS. Sem culpa. Sem medo. Apenas: *Aqui estou eu. Chamaste-me?* Num dia de início de primavera, com apenas nove meses de idade, havia nele um autocontrolo evidente. De facto, eu estava a chamá-lo, havia já bastante tempo, gritando no Central Park de Nova Iorque, convencida de que nunca mais voltaria a vê-lo. Agora estava encharcada. Ao voltar atrás em pânico, chamando-o, de súbito não tinha chão debaixo dos pés. Avançara para o abismo — na verdade, passara sobre a berma de um lago, felizmente não demasiado profundo. Foi humilhante.

Alguém que eu conhecia reconheceu-me:

— Oh, meu Deus, és tu! Pensei que um sem-abrigo tinha saltado para dentro do lago, para tomar banho! — disse ela.

Depois, havia também a verdade dos factos: eu saltara da berma, de forma literal e figurada, para um território desconhecido e dera por mim sem chão debaixo dos pés. Quisera um cão. Não esperara que fosse assim. Não estava a funcionar conforme

planeado. Naquela manhã fresquinha, com a promessa de um arranque no ar, os meus *jeans* ensopados e os meus ténis encharcados demonstravam, isso sim, desapontamento e dúvida.

Não há dúvida de que a maior parte das pessoas tem menos dificuldade em sintonizar-se com o seu cão do que eu tive inicialmente. Na altura, a história do vínculo entre os seres humanos e os cães parecia-me isso mesmo: uma história, inalcançável. Sentia que não conhecia aquele ser que partilhava (e, às vezes, invadia) a minha vida. Agora, estou convencida de que, ainda que não o conhecesse, o *Brio* conhecera-me desde o início.

Desde tempos imemoriais, os cães têm detido o título de «melhor amigo do homem», uma alcunha adequada à sua disposição leal e protetora face aos seus companheiros humanos. Os investigadores acreditam agora que a relação entre cães e seres humanos começou há dezenas de milhares de anos. Índícios genéticos apontam para uma ligação, desde há 145 mil anos, entre o lobo e uma espécie de cão-lobo — aqueles que viriam a evoluir tornando-se cães puros. Talvez os lobos se comessem a aproximar dos seres humanos para procurarem comida. Talvez se tenham tornado companheiros de caça. Conseguimos imaginar os nossos antepassados à volta de uma fogueira, a partilhar uma refeição conseguida com a ajuda dos seus companheiros caninos.

Também temos indícios arqueológicos do respeito que esses antepassados sentiam pelos companheiros de outras espécies. Os zoológicos e os biólogos evolucionistas descobriram locais de enterramento de cães pré-históricos. Um crânio de um cão tinha um osso de mamute na boca, apontando assim para algum tipo de ritual que prestava homenagem a um companheiro de caça. Recentemente, os arqueólogos descobriram cães enterrados, há 2500 anos, na antiga Ascalão, uma cidade a meia hora de Telavive, Israel. Os corpos dos cães haviam sido colocados de lado, com as pernas fletidas e as caudas cuidadosamente postas em torno das patas traseiras⁵. Existe também a descoberta recente de

⁵ Brackman, «Digging Up Bones».

um local de enterramento, com 14 mil anos, na Alemanha, onde se encontra presente um cão que foi enterrado com seres humanos, juntamente com indícios de que fora domesticado e tratado⁶.

Talvez os seres humanos primitivos rejeitassem os lobos de que não gostavam e aceitassem aqueles que apreciavam — aqueles com quem era mais fácil viver. Talvez esse tipo de seleção natural tenha conduzido à evolução do cão domesticado, um cão nascido para se relacionar com os seres humanos.

Na verdade, eu esperara uma ligação, mas não propriamente uma parceria. Ao acalantar a ideia de comprar um cão, tinha uma visão de caniches adoráveis, fofinhos e normais a enroscarem-se no meu colo, permitindo-me acalmá-los. Isso faria sobressair o meu lado delicado e afetivo — algo de que eu precisava. O cachorro que eu compraria seria calmo e também ajudaria a tranquilizar-me. Na realidade, eu pensava mais em *ser* tranquilizada do que em acalmar. Afinal de contas, esperava-se que os cães oferecessem amor incondicional, sem julgamentos e sem discussões. Apercebo-me agora de que queria um cão pelas razões erradas, com expetativas incorretas.

Aquele cachorro, de facto, olhava-me nos olhos, mas, muitas vezes, era para me dizer *Tenho uma ideia melhor* ou *Tens a certeza disso?* O seu olhar fixo era firme, sem pestanejar. Quinze anos mais tarde, eu procuraria esse olhar fixo, inclusivamente em espírito. Quinze anos mais tarde, conheceria a força da ligação que tinha com aquele cão na realidade física e, até, na esfera do invisível. Mas, naquele preciso momento, estava ancorada àquele mundo «real» e material, governada pelos meus cinco sentidos. Um cão era um cão, e eu era um ser humano que sabia pouco acerca do ser que entrara na minha vida. E, no entanto, havia algo nele que, mesmo nessa altura, conseguia sentir, muito embora não o entendesse.

⁶ Mary Bates, «Prehistoric Puppy May Be Earliest Evidence of Pet-Human Bonding», *National Geographic*, 27 de fevereiro de 2018, news.nationalgeographic.com/2018/02/ancient-pet-puppy-oberkassel-stone-age-dog

Era uma altura da minha vida que requeria honestidade. Não me podia furtar a olhar para a minha situação: um relacionamento de longa duração com um homem terminara mal. Ele dizia que eu era a sua alma gémea e, agora, ia casar-se com outra pessoa. Em quem poderia eu confiar? Naquela altura, não tinha qualquer perspetiva de ter filhos. O meu pai morreu novo, quando eu andava na universidade. A minha mãe, com quase 90 anos, estava num lar de idosos, tornando-se mentalmente mais distante a cada dia. Quando eu olhava para o mundo, via outras pessoas em relacionamentos, com alguém. Eu estava sozinha. E não queria continuar sozinha.

Houve um detonador para esse autoconfronto. Alguns meses antes, fora despertada para a perceção de que a vida não devia ser só trabalho. Estivera envolvida num acidente de automóvel grave, durante a realização de um filme no Nevada. O veículo utilitário desportivo capotou três vezes numa estrada de terra batida. Foi como se estivesse a ser enrolada por uma onda, mas a onda era toda de metal — com peças afiadas a colidirem com o meu corpo. Tinha o cinto de segurança posto e, felizmente, sobrevivi com apenas uma concussão. Mas quaisquer assunções de que tinha bastante tempo para mudar de vida tinham-me, literalmente, sido retiradas. Depois disso, queria sentir-me ligada a alguma coisa.

Eu fora uma criança solitária — filha única. Não tinha irmãos. As pessoas reparavam que não falava muito quando conviviam comigo socialmente. Sentia-me, de alguma forma, distante. O meu pai estava muitas vezes ausente, viajando em trabalho. A minha mãe era demasiado protetora. Perdera uma filha nada-morta antes de me ter a mim. Ao longo da minha primeira infância, vivíamos bastante à vontade em termos financeiros. Nesse sentido, estava segura. No entanto, sentia também uma grande pressão para estar ao nível de uma família repleta de pessoas muito bem-sucedidas e, em alguns casos, famosas. Era evidente que havia grandes expectativas a meu respeito.

Lembro-me de sentir uma necessidade — indefinida ou mesmo inconsciente na altura — de me manter à parte, de tentar traçar

o meu próprio rumo. Mas isso significava um certo tipo de isolamento. Tinha bons amigos, mas, segundo me lembro, nunca partilhei com eles os meus receios mais profundos e os meus pensamentos mais secretos. De facto, estabelecia as ligações mais íntimas com seres vivos com animais. Eram a minha salvação. Tínhamos um gato siamês quando eu estava a crescer. Quando sentia que não podia falar com mais ninguém ou quando ia para a cama à noite — às vezes, sozinha em casa com uma babysitter, quando os meus pais saíam —, o *Maki*, o gato, era o meu confidente e o meu consolo. Deitava-se na cama. Eu falava-lhe e pousava a mão sobre ele.

Também me lembrava da alegria que sentia com os animais quando era criança. Senti-a primeiro com os gatos da família e, depois, mais tarde, com os cães de outras pessoas. Também a senti ao montar o meu cavalo. Queria voltar a sentir essa alegria, no momento presente, quando tudo à minha volta era repetição e rotina. Com os animais, sentia-me centrada; sentia-me eu própria — o meu verdadeiro eu.

Foi então que me apercebi de que queria comprar um cão. Tinha a ideia de que partilhavam a vida de uma pessoa. Saíam conosco e conheciam pessoas. Punham-nos em relação com o mundo. Portanto, comecei, obsessivamente, a pesquisar criadores. Tinha-me decidido pelos caniches normais porque, quando era criança, conhecera os caniches de uns amigos da família.

Mas a ideia de comprar um cão era completamente irrealista. Estava a meio da minha existência. Embora a minha vida pessoal pudesse parecer um falhanço, a minha vida profissional era um sucesso retumbante. Estava no pico da carreira como produtora premiada de documentários e noticiários televisivos. Viajava constantemente pelo país e por todo o mundo. Quando os meus amigos e colegas ouviam dizer que eu andava a pensar comprar um cão, franziam as sobrancelhas e diziam-me:

— Não faças isso.

Imploravam-me que compreendesse que um cão requeria tempo e empenho, coisas que eu não tinha naquela altura.

A maior parte dos meus amigos achava-me doida. Na verdade, eu também.

Sem dúvida que as pessoas também achavam que a minha personalidade — pelo menos aquilo que se tornara o exterior da minha personalidade — não se adaptava, propriamente, ao estado de ser dono de um cão. Suspeito que as pessoas estavam mais preocupadas com o cão do que comigo. Eu tinha fama de ser dura na minha vida profissional e fria na pessoal. No trabalho, era exigente comigo mesma e para com as pessoas que me rodeavam. Faltava-me paciência. Faltava-me tato. Não tolerava tolice alguma. Não lidava lá muito bem com as pessoas. Não comunicava bem. Portanto, que raio me levava a pensar que poderia comunicar com um *cão*?

Não havia qualquer dúvida acerca disso. A decisão do cão não fazia sentido algum, mas, ainda assim, estava segura e determinada. Talvez fosse o meu destino que me empurrava para essa escolha, de modo a transformar a minha vida. Ou, porventura, talvez fosse a minha voz intuitiva — com a qual nunca me sintonizara antes da existência do *Brio* — que me sussurrava: *Fá-lo*.

Atirei-me à aquisição do cão como teria feito com uma história televisiva, reunindo informações e ponderando as opções. Lá no fundo, estava aterrorizada. Quando me sentava sozinha, no meu pequeno apartamento, à noite, não conseguia imaginar ter um cachorro a correr por ali. Como poderia pensar? Como poderia trabalhar? Nunca assumira um compromisso com outro ser vivo, excetuando a minha mãe, cuja assistência tinha agora a responsabilidade. Mas um cão? Teria essa responsabilidade 24 horas por dia, sete dias por semana. O cachorro estaria totalmente dependente de mim, ainda que eu contratasse ajudantes. Nem sequer conseguia imaginar a tensão de sentir a presença de um cachorro, constantemente, no meu apartamento, deixando pegadas no chão e marcas de baba no sofá. Como poderia sair? Como poderia ter uma vida social? De facto, fazia a mim mesma essas perguntas. Mas, depois, tentava calar essa voz na minha cabeça e continuar à procura de um cachorro.

Suponho que, finalmente, foi alguma noção de destino que me fez avançar. Vira um caniche fêmea a pavonear-se estrada fora em Martha's Vineard⁷, onde vou, sempre que possível, para inspirar a maresia e ouvir o oceano. Havia qualquer coisa na atitude daquela cadela que me atraía. Parecia apreciar o seu mundo. Portanto, perguntei o nome do seu criador e, nesse dia, telefonei para o estado da Virgínia. Acontece que a criadora tinha uma nova ninhada, nascida no dia de aniversário de um querido amigo meu. Parecia que as estrelas estavam alinhadas — muito embora, na altura, não acreditasse nesse tipo de coisas.

Tinha um plano. Compraria um caniche fêmea. Toda a gente dizia que eram mais fáceis de ter na cidade. Um macho podia destruir a casa e fugir atrás de uma rapariga no parque. As fêmeas eram mais pequenas, mais leves, mais fáceis de manobrar. A primeira visita à criadora cimentou esse plano.

Portanto... dou por mim no chão de uma espaçosa fazenda da Virgínia, rodeada por uma ninhada de pequenos cachorros muito barulhentos, a contorcem-se e a embrulharem-se uns nos outros. Acabada de sair do avião, vinda de Nova Iorque, estou a seguir a sugestão da criadora de me pôr ao nível deles e de ver por qual daquelas criaturas minúsculas me sinto atraída. Eles só têm um mês de idade e nem sequer parecem cachorros plenamente formados.

— Tem a certeza de que não é demasiado cedo para avaliar personalidades? — pergunto à criadora, a Lynn.

— De modo algum — diz ela, salientando o facto de alguns cachorros se retraírem, envergonhadamente, ao passo que outros se dirigiam à mãe, coagindo os irmãos.

O tumulto no chão parece o outro lado do espelho, um sítio que é a imagem invertida da minha aproximação à vida, normalmente controlada, ordenada e exteriormente pouco sentimental. Um cachorro em particular está a fazer todos os possíveis para que eu repare nele, mas não estou a favorecer nenhum, tentando

⁷ Luxuosa estância balnear no estado do Massachusetts, EUA. [N. T.]

tomar uma decisão fundamentada acerca de qual — se é que algum — dos filhotes se adaptará ao meu mundo.

O cachorro exuberante está a fazer uma exibição espetacular, trotando para trás e para a frente, para trás e para a frente. Corre e acena-me com a pata, volta a correr para longe e, depois, regressa a acenar. *É verdade*, digo para mim mesma, *que ele é carismático*. Há algo de irresistível na sua energia e na sua exuberância. Mas sinto-me esmagada. Há uma voz muito estridente na minha cabeça que pergunta: *O que estou eu a fazer? Um cão como este não é para mim. Não tenho propriamente a certeza de que algum cão seja para mim*. Fico surpreendida face ao quase terror e à indecisão que sinto. Não estou habituada a sentir-me hesitante. Sou uma mulher profissional, habituada à pressão, confortável com a tomada de grandes decisões. Mas, subitamente, confrontada com estes cachorros, estou cheia de dúvidas e de medos. Todas as razões que, para começar, me fizeram pensar que queria um cão parecem-me agora ridículas.

— Aparentemente, ele escolheu-a a si e não o contrário — diz a criadora acerca do cão exuberante. — No entanto, é o melhor da ninhada — avisa ela. — O meu colega é capaz de acabar por ficar com ele.

Francamente, fico aliviada, embora não lho diga. Seja como for, o meu plano é comprar uma fêmea.

— Oh, não faz mal — digo, empurrando o cachorro para fora do meu colo. — Ele é demasiado para mim. Então, e aquela rapariguinha sossegada ali ao canto?

Lynn parece algo desapontada comigo e, afavelmente, declara que, muitas vezes, os caniches do sexo masculino são «mais meigos» do que as fêmeas, que, diz ela, podem ser «manipuladoras». Mas aceita o meu depósito sobre a linda cachorrinha que atrai o meu apreço. Devo voltar passadas algumas semanas, quando os cachorros tiverem idade suficiente para irem para as suas novas casas.

Pensei que, provavelmente, seria a última vez que veria o cãozinho exuberante. Já traçara os meus planos para a fêmea.

Mas, aparentemente, havia outros desígnios em marcha. Não me apercebi disso na altura, mas já me achava nas mãos de algo maior do que eu própria.

Algumas semanas mais tarde, recebi uma chamada da criadora. O exuberante cachorro preto fora, de facto, considerado o melhor da ninhada. O colega quisera-o para si, mas um dos testículos não «caíra», tornando-o inadequado para criação. Portanto, o cocriador decidira levar antes a encantadora fêmea preta. Só sobrava um cachorro. Sim, claro. Era o exuberante cãozinho preto que me tinha escolhido desde o início! Ali estava a minha primeira lição, entre muitas que o meu cão me ensinaria acerca do poder de abdicarmos e de nos rendermos aos desígnios do Universo.

Portanto, lá voltei eu à criadora e ali estava, cara a cara com o cachorro preto. Ele olhava-me fixamente nos olhos — havia uma fascinante familiaridade no seu olhar, quase como se eu o tivesse olhado nos olhos muitas vezes no passado. A sua expressão parecia dizer: *Está do teu lado. O que vais fazer?* Não estava a suplicar. Por certo, não parecia ter pena de si mesmo, por ser o último cachorro que sobrava. Limitava-se a olhar, reconhecendo a minha presença, e aguardava. De algum modo, nesse momento, dei por mim incapaz de lhe dizer «não». Não seria a última vez.

Portanto, tomei a decisão de o levar mal regressasse de uma viagem ao estrangeiro. Esse dia chegou. Ao pegar-lhe ao colo pela primeira vez, pareceu-me um sonho. No entanto, não sabia dizer se era um sonho bom ou um pesadelo, porque, simplesmente, não me sentia eu própria. Estava a fazer as coisas, mas num estado como que de transe. Parecia que estava a observar outra pessoa, um estranho ou uma estranha que compravam o seu primeiro cão. No meio desse torpor, ouvi a amiga da criadora — que tinha trazido o cachorro, vindo ter comigo ao National Airport, em Washington — dizer, com lágrimas nos olhos:

— Dê-lhe uma vida boa. Ele é especial.

Finalmente, de novo em terra firme, na cidade de Nova Iorque, mandei parar um táxi e serpenteei por entre o trânsito, rumo a casa. Era um dia escaldante de setembro, com um ar condicionado

inadequado no táxi. As janelas abertas deixavam entrar lufadas de ar quente. Eu estava cheia de suor e de stress.

— Vamos ficar bem, está tudo ótimo, vamos ter uma excelente vida juntos — disse eu ao cachorro, que me espreitava através das aberturas estreitas da sua transportadora.

Estava deitado, com as patas dianteiras estendidas à sua frente; os seus olhos de cachorro, visíveis por baixo dos caracóis negros que lhe cobriam a cabeça, olhavam não exatamente para mim mas, talvez, para algo que houvesse no espaço. Claramente, tinha os seus próprios pensamentos, e eu perguntava-me se saberia que estava a ir para casa com uma mulher muito ansiosa, que acreditava ter ultrapassado os limites do razoável. Por seu lado, não parecia inquieto, apenas distante — adiando o seu parecer acerca da sua própria situação.

Por fim, chegámos ao meu apartamento num arranha-céus da cidade de Nova Iorque. Tirei o cachorro da transportadora e coloquei-o dentro do canil que criara na cozinha. Este fora forrado com papel, antecipando a sua chegada. Tentei imaginar como aquele cãozinho se devia ter sentido no seu voo desde a Virgínia, trancado numa jaula, metido no meio de malas e caixas, com os ouvidos matraqueados por ruído, a debater-se-se para usar o sentido do olfato para decifrar o caos à sua volta. Imaginei-o paralisado de medo, traumatizado para a vida inteira. E, agora, aquele pequeno espaço estranho, cercado por uma cozinha minúscula, com o chão coberto de jornais — tão distante da gloriosa quinta da Virgínia onde nascera. Ofereci-lhe água e aguardei que ele se aliviasse no local que eu lhe providenciara. Aguardei. E nada aconteceu. Nenhum de nós sabia o que fazer a seguir. Sentei-me no chão. Ele colapsou no meu colo, e eu fiz aquilo que todas as pessoas que são pais pela primeira vez e estão apavoradas fazem: telefonei a um profissional.

— Lynn, estamos em casa — disse eu à criadora, mas sem dúvida de que não havia alívio algum na minha voz.

— Como é que ele está? — perguntou Lynn com a sua voz suave do Sul.

— Adormeceu ao meu colo — disse-lhe eu, num tom de voz que transparecia exaustão e desespero totais.

— Isso é bom, é sinal de que começou a criar laços consigo — tranquilizou-me Lynn, e, embora as minhas pernas estivessem a ficar dormentes devido ao peso do seu corpo e, naquele momento, não houvesse nada que eu desejasse mais do que tomar um duche e, depois, ir jantar fora com um amigo, senti-me encorajada.

A criação de laços era uma coisa que tinha esperado desta nova missão, e eis que aquele cachorro já estava a concretizar as minhas expetativas.

Então, subitamente, o meu novo bem — como eu pensava acerca dele — levantou-se do meu colo, caminhou na direção oposta à do jornal e libertou tudo aquilo que retivera durante horas no avião, por todo o chão da cozinha. Eu fiquei ali, paralisada, sem saber o que fazer para além de pegar nos jornais e absorver aquilo tudo. A minha reação de lutar ou fugir apoderou-se de mim, peguei no telefone e liguei para a criadora.

— Lynn? — resmunguei para o telefone que segurava com uma mão enquanto me debatia com toda a sujidade.

— Sim, o que se passa? — perguntou Lynn, revelando agora uma ponta de impaciência ou da exasperação que, certamente, devia estar a sentir naquela altura.

— Não sei mesmo se consigo fazer isto. Disse que eu podia devolvê-lo, certo? Simplesmente, não me parece que consiga entender-me com isto. É demasiado — disse eu e, nesse momento, senti-me exasperada comigo mesma.

Lynn era, de facto, uma profissional. Não expressou qualquer surpresa ou objeção. Talvez já tivesse ouvido aquilo e soubesse que, passadas as primeiras 24 horas, não haveria maneira de aquele cachorro ser devolvido. Era, simplesmente, demasiado irresistível. Ou talvez soubesse, melhor do que eu, que éramos, na verdade, a combinação perfeita.

— Claro — disse Lynn placidamente — pode trazê-lo de volta. Mas porque não aguarda uma semana ou coisa assim?

Para ver como correm as coisas. Para vos dar a ambos uma oportunidade de se conhecerem um ao outro.

— Está bem — disse eu e olhei para o cachorro, que me devolveu imediatamente o olhar, de modo algum envergonhado pela confusão que acabara de semear na minha cozinha meticulosamente arrumada.

E foi então que decidi que *sim* — estava na altura de aquele cãozinho aprender o seu nome. Afinal de contas, como iríamos comunicar um com o outro se não lhe desse um nome?

— O teu nome é *Brio* — disse-lhe e adorei o modo como aquilo soava ao sair-me da boca. — Gostas do teu nome, *Brio*? *Brio*? — Ele não parecia impressionado e começou, novamente, a dormir ao meu colo. — É um termo musical, em italiano. Significa «entusiasmo, vigor, vivacidade, verve». Tu és assim, *Brio*.

Talvez fosse o tom da minha voz, mas o *Brio* olhou para mim com o que parecia ser reconhecimento. Aparentemente, escolhera um nome que ele aprovava.

O nome ocorrera-me semanas antes, talvez mesmo antes de ter tomado a decisão final de ficar com ele. Havia muitos músicos clássicos na minha família e parecia fazer sentido dar ao meu cão um nome que fosse musical. Ao escolher o nome, não me terei, porventura, apercebido de quão apropriado ele viria a ser.

No entanto, a um certo nível, reportava-se a um espírito, a uma energia que eu procurava para mim própria. *Eu* queria ter brio. Desde o início, estava a pedir àquele cão que me mudasse. Que perdido enorme. E quão pouco compreendia aquilo que, na realidade, estava a pedir.

«De leitura obrigatória, este livro é uma jornada espiritual pela alma do nosso animal.»

Bash Dibra, autor bestseller

Elena Mannes, conceituada produtora televisiva que sempre acreditou ser uma descrente, revela-nos como deu início à sua viagem de descoberta interior e como desenvolveu o seu lado espiritual.

Um relato apaixonante de uma relação especial com *Brio*, um caniche preto com o qual Elena partilhou a vida durante 15 anos, além de muitos outros exemplos de ligações espirituais entre humanos e animais.

Escrito por quem sempre trabalhou no jornalismo televisivo, com uma linguagem acessível e baseando-se em diversas fontes, este livro demonstra a existência de uma comunicação sem palavras entre espécies comprovando-se também, que essa ligação existe para além da fronteira da morte física.

«Os cães têm, de facto, uma alma e uma vida que se prolongam para lá do horizonte ilimitado da morte.»

 <p>FAROL a luz da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-668-935-3</p>  <p>9 789896 689353</p> <p>Espiritualidades</p>
---	--